

A PERCEPÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM RELACIONADA AO PROCESSO DE MORTE: UM RELATO DE CASO

THE PERCEPTION OF THE NURSING TEAM RELATED TO THE DEATH PROCESS: A CASE REPORT

SILVA, WÊNIA KATIUSCIA¹

NASCIMENTO, RACHAEL DOS ANJOS

ARANHA, MARIA DO CARMO³

CORDEIRO, RENATA CAVALCANTI⁴

1. GRADUANDO NO SÉTIMO PERÍODO DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIFACISA. MEMBRO DA LIGA ACADÊMICA LAEMI
2. GRADUANDO NO SÉTIMO PERÍODO DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIFACISA. MEMBRO DA LIGA ACADÊMICA LAEMI
3. GRADUANDO NO SÉTIMO PERÍODO DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIFACISA.
4. PROFESSORA DA DISCIPLINADE FARMACOLOGIA APLICADA À ENFERMAGEM DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE CAMPINA GRANDE.

Área temática: Enfermagem

Denota-se assim, apremência da implementação de ações direcionadas à preparação dos profissionais de saúde, especialmente, de enfermagem uma vez que se acercam a todo Instante e de modo íntimo dos sentimentos, das frustrações e dos medos que são próprios da cultura e dos vividos de cada indivíduo que padece. Neste sentido, é relevante valorizar a dimensão emocional da equipe de enfermagem,destacam do que antes de cuidar do

outro que está morrendo, é preciso cuidar de emoção dos que cuidam.

Introdução: morte e o morrer consistem em condições inerentes à vida humana dessa maneira, desde a antiguidade este é assunto presente nas mais diversas culturas, sendo, portanto, bastante pertinente à abordagem desta temática pelos profissionais de enfermagem, bem como, seu preparo para vivenciar estas situações. Durante muito tempo a morte foi encarada como algo natural, um processo que acontecia em casa, cercado pelos cuidados da família. Nessa época, o medo era de morrer sozinho, sem ter seus últimos desejos realizados. Com o passar dos anos, com o avanço das ciências, e especialmente na área da saúde, com o desenvolvimento de novas técnicas cirúrgicas, da produção de medicamentos em larga escala e do surgimento de tecnologias que permitem o prolongamento da vida, o hospital passou a ser um local de cura, em que a morte deve ser evitada a qualquer custo e vista como um fracasso da equipe. Nesse contexto, a morte passou a ser institucionalizada, cercada por aparelhos de alta tecnologia e profissionais treinados para manipulá-los, porém com pouco preparo para assistir o paciente e suas famílias no processo de morte e morrer. Nesse contexto, buscando não estabelecer vínculos mais intensos, os profissionais de saúde realizam suas atividades de maneira rotineira, supervalorizando os aspectos técnicos como uma forma de proteção para o envolvimento com o sofrimento diante da morte. Especificamente na enfermagem, os profissionais lidam cotidianamente com a dor, o sofrimento e a morte, situações de estresse profissional e sofrimento psíquico, que podem levá-los a distanciar-se do paciente. Por isso, o enfermeiro precisa estar preparado para lidar também com seus sentimentos diante da morte e assim poder prestar uma assistência sem restrições aos seus pacientes, não precisando afastar-se, movido pelo temor da perda. Quanto ao ensino sobre a morte e o morrer, ressalta-se a deficiência na graduação e na pós-graduação, de componentes curriculares voltados para uma formação mais humanista, que inclua todo o processo de cuidar e os sentimentos envolvidos nesse processo. Diante da lacuna ainda existente nos currículos de graduação sobre a morte, torna-se relevante a realização desta pesquisa, visto que a falta de preparo e a dificuldade de lidar com o luto e o pesar diante da perda de pacientes é fato revelado em várias pesquisas. **Objetivo:** apresentar um relato de caso acerca da vivência de um óbito durante estágio na unidade de terapia intensiva do Hospital do trauma Dom Luiz Gonzaga Fernandes no município de Campina Grande. **Relato de caso:** a

experiência com a morte de um paciente se deu durante o estágio na unidade de terapia intensiva do hospital de trauma dom Luiz Gonzaga, no município de campina grande, no momento em que se estava realizando o banho no leito do paciente, quando então, esta neste momento sofreu uma parada cardiorrespiratória, ela tinha o diagnóstico de infarto agudo do miocárdio, associado a acidente vascular encefálico. Logo, os enfermeiros de mobilizaram e todos os acadêmicos contribuíram neste momento importante realizando as compressões cardíacas. Foram realizados todos os procedimentos necessários para devolver a vida àquela paciente, desde as manobras de compressão e ventilação. Até a administração de medicações indicada como adrenalina. A paciente conseguiu voltar a apresentar batimentos cardíacos, e nós ficamos encantados com a habilidade da equipe de enfermagem e a nossa própria desenvoltura diante deste episódio. No entanto, minutos após a paciente apresentou outra parada cardiorrespiratória, e, infelizmente, não foi possível fazê-la voltar à vida mesmo diante de todos os procedimentos realizados, vindo, então, a óbito. Os enfermeiros nós orientaram a fazer um eletro e constatada a morte fizemos a preparação do corpo, eles alencaram uma forma de enfrentamento da morte e entende - lá como parte do processo de viver. Nossa experiência diante a morte foi de que ela não depende de nós fazemos o que podemos. Na sociedade contemporânea, a morte é marcada pelo individualismo e egoísmo. A medicalização se torna uma prática fortemente articulada aos novos anseios pessoais. A prática e o discurso médico passam a proporcionar novos significados e sentidos nos processos saúde-doença-morte. 6 A morte fria e escondida no hospital se tornou uma inquietação por parte de alguns pesquisadores, os quais abordam as dificuldades dos profissionais de saúde para lidarem com o processo de morte e morrer, por sua formação sempre haver sido contrária ao enfrentamento e naturalização deste processo. 7 Os profissionais não se sentem capacitados e quando a terminal idade se torna inevitável, tendem a esquivarem-se e defenderem-se com as ferramentas que dispõem. Essas reações trazem desconforto, tanto ao profissional quanto à família e cliente sob seus cuidados, impossibilitando a formação do vínculo, que é o elo primordial para a vivência da finitude. Somente através da reflexão sobre a morte, a sociedade, e especificamente os profissionais de saúde, poderão transformar suas práticas de cuidado a partir da atribuição de significados para a sua morte e sua vida. A verdadeira razão do nosso medo perante a morte está em não sabermos quem realmente é. Morrer é se deparar consegue mesmo, com sua própria e única presença, com a solidão e o desconhecido. Sendo assim, enfrentar a nós mesmos é uma

experiência completamente desesperadora. 8 Dentro da perspectiva das ações e habilidades de enfrentamento por parte dos profissionais de saúde destacamos neste momento o papel dos profissionais de enfermagem. Muitos relatam que, ao cuidarem de sujeitos que estão morrendo.

A morte se tornou um fenômeno tratado com indiferença por parte dos enfermeiros, sendo observadas em alguns discursos que, muitas vezes, a frieza e o afastamento são atitudes de autodefesa necessárias para suportar condições estressantes e desgastantes de trabalho, já que a grande maioria não se encontra preparada para lidar com a morte. 10 A partir de um estudo exploratório documental sobre as produções científicas acerca da morte no contexto acadêmico foram possível constatar que as universidades ainda não se mostram capazes de adotar uma postura crítico-reflexivo na disciplina de Tanatologia, e alguns artigos demonstraram que os alunos possuem “pré-conceitos” quanto ao processo de morte e morrer que necessitariam ser desconstruídos através do trabalho mais aprofundado e crítico sobre a temática. Os próprios docentes sentem-se inseguros e incapazes de estimular a expressão dos seus alunos sobre a morte, já que eles também possuem dificuldades de enfrentá-la e, na sua formação, a morte praticamente não tem sido mencionada.

E aquele olhar? Outra aflição nossa era perceber o olhar do cliente. Era um olhar vidrado, sem direção. Ao tentarmos fechar os olhos, estes pareciam não querer ser fechados, como se houvesse a necessidade de dar continuidade àquele olhar sem rumo. Aos poucos fomos retirando os eletrodos que não mais davam sinal de vida, a sonda vesical, a sonda nasogástrica, o tubo endotraqueal (que estava obstruído com uma secreção serosanguinolenta em quantidade abundante que escorria por toda a face do cliente - que nojo!), e a fralda. Após, começou a escorrer sangue pelo nariz que logo foi contido pelo tamponamento dando a impressão que estivéssemos asfixiando aquele cliente já morto, além do tamponamento da boca. Amarramos seus pés de forma cruzada, os braços sobre o tórax em forma de X, e sua cabeça fazendo o contorno até o queixo de forma a fechar a boca. Por fim, o enrolamos com um lençol branco e o identificamos com uma etiqueta contendo seus dados pessoais. Em poucos minutos chegaram os funcionários da administração perguntando: “cadê? cadê”? Para eles, algo comum do dia-a-dia, e saíram levando aquele corpo morto. O que nos afligiu o que nos aflige até hoje ao lembrar-se do acontecimento, e talvez o que sempre nos afligirá é a questão de não sermos treinadas a cuidar de um corpo morto, a lidar com morte, até porque não haja como ser treinado para essa questão por ser algo de cada um; cada sujeito sente e

reage à morte de uma forma, a partir de suas próprias experiências, expressando ou reprimindo seus sentimentos. Para Machado apud Figueiredo (...), associar o cuidado à morte ainda é um risco necessário, pois é preciso verificar como as enfermeiras se comportam diante dela. O referido autor acredita que as (os) enfermeiras (os) ainda não compreenderam bem o sentido da morte, e o cuidado que prestam ao moribundo é sempre para manter a vida. Não sabíamos como lidar com o corpo pós-morte, no que se referia a sua alma, seu espírito e sua religião. Isso nos afligia muito, pois tínhamos a impressão que aquele corpo estava com sua alma ali, naquele momento, como se estivesse presenciando todo aquele ritual, e nos observando. Será que tínhamos que pedir licença para tocar naquele corpo? Será que tínhamos que fazer uma oração? Mas qual seria a religião daquele ser? Teria que ser na nossa religião? Diante destas dúvidas, acabamos sem orar. Atualmente a ciência timidamente começa a aceitar que há algo além do corpo material, algo que ainda não podemos entender. Kublerross (1997, p.13) afirma que a ciência não explica como alguém com morte cerebral são capaz de ler o número da placa de um carro e que... Os cientistas carecem de humildade. Temos que ter humildade para aceitar que há milhões de coisas que não podemos compreender, mas que nem por isso deixam de existir, de ser verdadeiras.

Conclusão: conclui-se, portanto, a evidente necessidade do debate exaustivo acerca do processo de morte e morrer, com vista a sensibilizar e preparar o profissional de enfermagem para saber como lidar com estas situações. Para saber como lidar com estas situações. Vivenciamos um dos momentos difíceis dentro da (UTI) do Hospital de trauma de Campina Grande estávamos ajudando a dar o banho nós pacientes quando em determinado momento a paciente teve uma parada essa paciente tinha o diagnóstico de (IAM) associada a acidente vascular encefálico (AVE), de pronto os enfermeiros se mobilizaram e todos os que estávamos no estágio ajudamos um momento muito importante para cada um que estava lá, começamos com as compressões cardíacas e fizemos todo o procedimento necessário para aquela paciente retorna, com técnicas de dois para um ventilamos o paciente e administração da medicação indicada (adrenalina), logo essa paciente voltou, e nós ficamos encantadas com a habilidade da equipe de enfermagem e a nossa própria desenvoltura diante da cena. Minutos depois fomos fazer a evolução da paciente que teve outra parada bem diante de nos e que infelizmente não podemos fazer nada a paciente foi a óbito na nossa frente. Os enfermeiros nos orientaram a fazer um eletro e constatada a morte fizemos a preparação do corpo, eles alinharam uma forma de enfrentamento da morte e entende - lá como parte do processo de

vive. A vivência do ensino-aprendizagem no tocante à morte e o morrer possibilitou a reflexão sobre a importância de pensar, sentir, falar e escutar sobre a perda, o cenário que envolve a morte e a importância de compartilhar sentimentos e, assim, respeitar a sua própria dor e a dor do outro. Essa experiência em sala de aula possibilitou o contato com a morte promovendo um encontro entre educação e cuidado na formação de enfermeiros, ampliando o conhecimento acerca do tema, possibilitando, assim, uma melhor atitude diante do processo de morte e morrer. Ressalta-se, a importância desse trabalho para a enfermagem na medida em que busca estimular as instituições formadoras a promoverem práticas pedagógicas diferenciadas sobre a morte e o morrer, sobretudo quanto aos aspectos emocionais que envolvem o tema, proporcionando uma melhor compreensão acerca da complexidade desse fenômeno para um cuidado de enfermagem mais ético, filosófico e, sobretudo mais humano. Foi possível compreender que, dentre os sentimentos que estes profissionais experimentam diante da morte e do cuidado ao paciente que acabou de falecer, a empatia merece lugar de destaque no grupo pesquisado, pois referem colocar-se no lugar do outro e ainda, oferecer algum cuidado aos pais, irmãos, filhos e demais familiares. Também foi observado um dualismo entre impotência e onipotência em relação a situação de morte do paciente, bem como culpa e frustração por não conseguirem alcançar a melhora do indivíduo sob seus cuidados ou mesmo evitar sua morte. Por fim, surge o sentimento de tristeza, mediada pelo grau de afinidades com o paciente. As vivências mais marcantes envolvendo a morte de paciente situaram-se entre as relacionadas à primeira morte. Além disso, outras também foram enfatizadas, como a vinculação com o doente e sua idade. Boa parte dos sujeitos entrevistados demonstrou dificuldade em aceitar a morte de uma criança ou jovem, enquanto a morte de um idoso é considerada de mais fácil assimilação. Percebe-se que os profissionais da Enfermagem necessitam de estratégias para o enfrentamento das situações causadoras de estresse e desestabilização emocional, tais como a morte do paciente. Para alguns, a religiosidade e/ou espiritualidade foi considerado aspecto fundamental. Outro modo de enfrentamento referenciado foi à mecanização e despersonalização do cuidado, destituindo-o de qualquer outro significado. Além disso, foram relatadas situações de distanciamento e racionalização no momento da morte do paciente. No grupo pesquisado, verificou-se a falta de preparo da equipe de Enfermagem em relação ao preparo do corpo sem vida. Foi possível identificar que nem todos os profissionais sentem-se preparados para lidar com a morte e com o procedimento denominado tamponamento. Provavelmente, de

Forma defensiva, a compreensão deste procedimento fica restrita ao plano meramente técnico. Verificou-se também que idade, sexo, tempo de profissão, experiência, religião e turno de trabalho não se mostraram como elementos significativos nas percepções manifestadas pelos entrevistados. Pode-se afirmar que os sentimentos e vivências dos entrevistados foram comuns a todos. Os participantes desta pesquisa enfatizaram a importância de capacitação para que possam lidar com este momento, tornando a assistência de enfermagem verdadeiramente integral ao paciente, à família e à própria equipe de Enfermagem. O trabalho em equipes multiprofissionais poderia subsidiar as ações tornando o atendimento ainda mais enriquecedor. Assim, este estudo permitiu compreender como um grupo de profissionais da enfermagem enfrenta a morte e como reagem neste momento em função das relações construídas com os pacientes, seus familiares e entre a própria equipe. Evidencia-se, por fim, a importância que a Enfermagem possui neste momento especial do cuidado, que, não raras vezes, deixa marcas nas vidas profissionais dos envolvidos. A morte se tornou um fenômeno tratado com indiferença por parte dos enfermeiros, sendo observadas em alguns discursos que, muitas vezes, a frieza e o afastamento são atitudes de autodefesa necessárias para suportar condições estressantes e desgastantes de trabalho, já que a grande maioria não se encontra preparada para lidar com a morte. 10 A partir de um estudo exploratório documental sobre as produções científicas acerca da morte no contexto acadêmico, foi possível constatar que as universidades ainda não se mostram capazes de adotar uma postura crítico-reflexiva na disciplina de Tanatologia, e alguns artigos demonstraram que os alunos possuem “pré-conceitos” quanto ao processo de morte e morrer que necessitariam ser desconstruídos através do trabalho mais aprofundado e crítico sobre a temática. Os próprios docentes sentem-se inseguros e incapazes de estimular a expressão dos seus alunos sobre a morte, já que eles também possuem dificuldades de enfrentá-la e, na sua formação, a morte praticamente não tem sido mencionada. A verdadeira razão do nosso medo perante a morte está em não sabermos quem realmente somos. Morrer é se deparar consigo mesmo, com sua própria e única presença, com a solidão e o desconhecido. Sendo assim, enfrentar a nós mesmos é uma experiência completamente desesperadora. 8 Dentro da perspectiva das ações e habilidades de enfrentamento por parte dos profissionais de saúde, destacamos neste momento o papel dos profissionais de enfermagem. Muitos relatam que, ao cuidarem de sujeitos que estão morrendo, sentem-se impotentes e culpados, seja pelo alívio do ser que partiu e estava em sofrimento, ou seja, pelo cuidado dispensado, o qual não foi o

melhor que poderia ser feito⁹, confirmando sua angústia e incapacidade no enfrentamento da morte. A morte se tornou um fenômeno tratado com indiferença por parte dos enfermeiros, sendo observadas em alguns discursos que, muitas vezes, a frieza e o afastamento são atitudes de autodefesa necessárias para suportar condições estressantes e desgastantes de trabalho, já que a grande maioria não se encontra preparada para lidar com a morte. Dentre os profissionais que reflexionam sobre o processo de morte-morrer, saúde ainda se encontram inseguros e distantes dessa temática, sendo a mesma dominada em grande parte pelas ciências humanas, em que desde a antiguidade os filósofos se debruçam na complexidade e singularidade da morte “do” e “para” o homem. No entanto, é na área da saúde em que estão as inúmeras e incansáveis manifestações deste fenômeno, através de sua prática cotidiana.

Palavras-chave: morte, tanatologia, assistência de enfermagem

Keywords: death, tanalogia, nursing care.

Referencia: Hospital do trauma

GUITIERREZ, Beatriz Aparecida Ozello; CIAMPONE, Maria Helena Trench. Profissionais de enfermagem frente ao processo de morte em unidades de terapia intensiva. Acta Paulista de Enfermagem. 2006. P. 456-461

